

Maldição e Espiritismo

Este artigo visa abordar, muito sucintamente, o tema da maldição segundo o Espiritismo. Conhecimentos para isso podem ser colhidos à fartura na Revista Espírita e nas demais obras de Allan Kardec.

Se alguém te lançar uma maldição, existem 5 possibilidades:

1. Nenhum Espírito participa disso, mas você, sabendo da “maldição”, acredita nela e se auto sugestiona;
2. Participa um ou mais Espíritos maldosos, e você, sabendo da “maldição”, acredita, se auto sugestiona e se permite influenciar pelos Espíritos;
3. Você não faz a menor ideia da maldição, mas existem Espíritos maldosos envolvidos nela. Eles buscam te atingir pelos seus pensamentos, te atacando em possíveis imperfeições. Como a imperfeição nasce do apego, os pensamentos te agradam e você, não os combatendo (aos pensamentos) vai lentamente sendo obsediado.
4. Você não faz ideia da maldição, e não se permite ter maus pensamentos, apegos, etc. Nada acontece com você, senão, quem sabe, um incômodo passageiro.
5. Você sabe da maldição, existem ou não maus Espíritos envolvidos, mas você estudou o Espiritismo nas obras de Kardec, sabe como as coisas se passam e está sempre buscando se vigiar. Sabe, ademais, que quem pratica o mal está praticando para si mesmo. Você faz preces por aquelas pessoas e Espíritos, e eles, não encontrando em você a porta aberta, rapidamente desistem.

O Livro dos Espíritos dá o essencial

552. Que se deve pensar da crença no poder, que certas pessoas teriam, de enfeitiçar?

“Algumas pessoas dispõem de grande poder magnético, de que podem fazer mau uso, se maus forem seus próprios Espíritos, caso em que possível se torna serem secundadas por outros Espíritos maus. Não creias, porém, num pretense

poder mágico, que só existe na imaginação de criaturas supersticiosas, ignorantes das verdadeiras leis da natureza. Os fatos que citam como prova da existência desse poder são fatos naturais, mal observados e sobretudo mal compreendidos.”

553. *Que efeito podem produzir as fórmulas e práticas mediante as quais pessoas há que pretendem dispor da vontade dos Espíritos?*

“O efeito de torná-las ridículas, se procedem de boa-fé. No caso contrário, são velhacos que merecem castigo. Todas as fórmulas são mera ilusão. Não há palavra sacramental nenhuma, nenhum sinal cabalístico, nem talismã, que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, porquanto estes só são atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais.”

O Livro dos Espíritos

Conclusão

Tire de cenário a ideia de que a maldição seja a transferência de más energias. é necessário estudar o Espiritismo, **nas obras de Kardec**. Os fluidos espirituais tem seu papel, é claro, mas eles dependem de sintonia. Tire da cabeça, também, a ideia de “maldições hereditárias”, porque a herança é da carne, mas fica claro que o papel, aqui, é espiritual. Você só “herdaria” uma “maldição” se os Espíritos encontrarem, em você, motivo e aceitação para continuar te aborrecendo também.

E, é claro, não acredite em fórmulas mágicas, rituais ou objetos materiais quaisquer para solucionar o caso, pois nada disso tem poder sobre os Espíritos, como já foi demonstrado [neste artigo](#). Para “reverter” uma maldição, é necessário agir sobre a moral, isto é, compreender, se analisar e procurar se modificar naquilo que te afaste do bem.

Estude a Revista Espírita (1858-1869)

Foto de capa: Fariborz MP:
<https://www.pexels.com/pt-br/foto/acessorios-adulto-aventura-facanha-11009468/>

Walewska: reflexões sob a ótica do Espiritismo

Uma das maiores atletas brasileiras, Walewska Oliveira (e não Valeska, Valesca, Walesca, Waleska, etc.) faleceu na noite do dia 21/09/23, em São Paulo. O motivo da morte foi uma queda fatal — provável suicídio — do 17º andar do prédio em que morava com seu marido, Ricardo Alexandre Mendes. O boletim de ocorrência policial registrou o incidente como queda, e também registrou a existência de um papel onde, possivelmente, teria ela registrado uma **carta de despedida**. Nas câmeras do edifício, ficaram registrados os momentos em que a atleta se encaminha a essa área, portando uma garrafa de vinho e uma pasta. Ainda não se conhecem os detalhes do caso, mas o assunto, justamente neste mês, marcado pela campanha **Setembro Amarelo**, destinada à prevenção do suicídio (omitimos a palavra para evitar problemas com os mecanismos de buscas) suscita uma reflexão sob a ótica do Espiritismo, naquilo que em verdade ela diz.

Antes de mais nada, devo dizer que acho lamentável qualquer opinião que busque julgar atitudes como essa (supondo que isso tenha acontecido) classificando-as como egoístas, “falta de Deus”, covardia, etc.

Desejamos aos familiares, aos amigos e ao marido de Walewska muita força para passarem por algo tão difícil e que, se forem buscar respostas, possam encontrá-las nos lugares corretos. Além disso, desejamos que nenhum suposto espírita venha, inadvertidamente, trazer supostas comunicações, cartas psicografadas, expondo-as ao público sem raciocinar sobre elas. Sentimos, que, se o que supomos, foi o que aconteceu, não tenha tido ela a oportunidade de conhecer uma filosofia que dá a certeza do futuro e a capacidade de enfrentar as dores da vida sob outro olhar.

Doutrina Espírita e Movimento Espírita

Não custa lembrar que a Doutrina Espírita, como ela realmente é, é uma ciência,

formada por estudos metodológicos e sérios, coordenados por Allan Kardec, analisando comunicações, evocações e fenômenos por toda a parte do mundo. Sua principal característica, como ciência, é que qualquer princípio doutrinário deverá nascer do método científico, coisa que foi abandonada a partir do final do século XIX.

Em contrário às evocações e comunicações espontâneas, naquele tempo submetidas ao duplo critério da concordância e da razão, hoje o Movimento Espírita em geral acredita cegamente em praticamente dizem médiuns e Espíritos, esquecendo-se ou desconhecendo que são apenas opiniões que deveriam passar pelo critério citado. Outras vezes, generalizam situações individuais, justamente pela falta de conhecimento. Criam-se, assim, as diversas narrativas que, se não são apenas absurdas, por vezes ofendem o raciocínio e mesmo desrespeitam indivíduos em suas diversas condições.

O Vale dos Suicidas

Podemos citar, dentre elas, e no aspecto aqui tratado, a ideia de que todo suicida irá para o “Vale dos Suicidas”, onde, segundo essa ideia, ficará sofrendo até que aceite o “resgate” de um Espírito que, muitos dizem, seria a própria Virgem Maria. Outros dizem que aquele que pratica esse ato renascerá em corpos mutilados pela culpa, onde deverão resgatar o crime realizado. Não passam, respectivamente, das falsas ideias oriundas de religiões que ensinam a queda pelo pecado.

Me pergunto: será que as pessoas que assim dizem tais coisas não se colocam no lugar de quem as ouve? Não raciocinam? Como se sentiria uma mãe, cujo filho nasceu com certas características físicas, ao ouvir a ideia de que a razão daquilo se deveria ao fato de ele ter cometido crimes, senão contra outros, contra si e contra Deus? Muitas não se ofenderiam? Outras tantas poderiam passar a vê-los com estigmas, talvez? Pior: o que pensariam as próprias pessoas que nasceram com tais características? O fato é que muitos abandonam o Espiritismo por culpa do Movimento Espírita que, em plena era da informação, é renitente em reconhecer a necessidade de voltar a Kardec, não por fundamentalismo, mas por buscar fundamentos científicos.

Já chegamos a ouvir afirmarem, dentro de um Centro Espírita, pela boca de

peças envolvidas nos trabalhos da instituição, e até mesmo de palestrantes, que o motivo de a pessoa ter nascido cega seria porque ela usou sua visão, na vida passada, para o mau. Quantos absurdos, quantos disparates, que somente fazem esvaziar os bancos do Movimento Espírita, **transformado em religião**.

O Espiritismo de verdade

Mas, graças aos estudos metodológicos de Kardec, nós podemos demonstrar facilmente a falsidade na generalização dessas ideias. Bastaria, a todo adepto espírita, ler o primeiro ano da Revista Espírita (1858), para verificar que as situações dos Espíritos de pessoas que cometeram esses atos não são únicas, justamente porque não podemos traçar um “código penal da vida futura”, ideia introduzida na [adulteração de O Céu e o Inferno](#), em sua quarta edição, lançada após a morte de Kardec, sobre a qual todas as edições conhecidas até há pouco tempo foram baseadas (refira-se à [edição da Editora FEAL](#) para ter acesso ao conteúdo original e intocado).

Constatariam, com esse estudo, que o futuro do Espírito depende de sua psicologia, de seu conhecimento, de suas ideias. Que o ato extremo, muitas vezes é tomado em estado de desvario, de loucura, de irreflexão, de incapacidade de lidar com emoções não vigiadas. O artigo “[Suicídio por amor](#)”, de Revista de setembro de 1858, demonstra isso. Já o artigo “[O suicida da Samaritana](#)”, de junho do mesmo ano, demonstra outro caso, onde o Espírito, em um estado profundo de perturbação, acredita, por um estado de sofrimento moral, estar ligado ainda ao seu corpo.

Fatos

Um fato é inegável: o remorso e o arrependimento serão estados que todos os Espíritos encontrarão, depois, quando perceberem que tomaram tal atitude por uma incapacidade de lidar com a dor, com as emoções (naquela época conhecidas como paixões), com os arrependimentos, com os desgostos, etc. Infelizmente, tudo gerado por uma incapacidade de ver a vida sob outro ângulo, ângulo esse muito amplo, lógico, claro, que o Espiritismo dá, em sua originalidade. Não tenta impor o medo do castigo, mas demonstra os fatos, as consequências e dá ao indivíduo o vislumbre do futuro, onde apegos desviam para o mal e para o sofrimento, mas que o caminho de retorno ao bem estará sempre aberto, a partir

do momento em que este compreender os motivos do seu sofrimento e, por vontade e esforços próprios, decidir enfrentar as raízes dos seus erros.

Veja: no caso apresentado na Revista de setembro de 1858, o rapaz apenas praticou um ato impensado. Ele afirma que nem pensava naquilo, mas que foi tomado de uma “vertigem”, isto é, uma emoção tão forte, com a qual não soube lidar. Em Espírito, compreendeu a tolice (motivo pelo qual todos, sem exceção, ficarão algum tempo com a cena fatídica repetindo-se em suas mentes) e compreendeu a necessidade de corrigir-se no futuro, para não mais cometer esse tipo de problema. Quem sabe, de acordo com sua capacidade de compreensão, escolherá uma vida que lhe dará, desde cedo, a fibra para lidar com essas emoções?

Resta dizer que as cenas que alguns Espíritos sofredores transmitem nas comunicações, como vales tenebrosos ou mesmo a ideia do “[Umbral](#)”, nascem de suas próprias mentes. Quiçá, possam materializá-las em escala, em uma espécie de sofrimento sintonizado, mas que não são por isso menos passageiras e que, definitivamente, não representam a condição genérica do Espírito sofredor após a morte (leia a Revista Espírita e verá).

A obsessão

Temos mais um aspecto a abordar: a questão da obsessão. A ciência dos Espíritos, tratada seriamente, foi enfática em demonstrar que os indivíduos, por vezes, cometem tais atos em estado de loucura, fora de si. Muitas vezes, mas nem sempre, esse estado tem a influência determinante de um Espírito obsessor.

Um artigo que demonstra isso é “[O Espírito e o jurado](#)”, de novembro de 1859. Nele, fica evidente que o papel de um Espírito obsessor, **quando encontra caminhos nas próprias ideias do indivíduo**, pode influenciá-lo lentamente. Este, aceitando essa influência, que lhe agrada, mesmo sem saber que o faz, vai lentamente se deixando sintonizar com o Espírito obsessor, como uma marionete cujos fios, lentamente, fossem sendo ligados às mãos de seu mestre. Em certo ponto, o indivíduo passa a responder cegamente, chegando ao estado de possessão, conforme abordado por Kardec em A Gênese (refira-se à edição da editora FEAL).

Daí, nasce uma espécie de culpa compartilhada, da qual cada um será seu próprio

juiz. Aquele que se deixou influenciar, quando compreender, buscará criar a força para não mais se permitir a isso. O que influenciou, um dia, entenderá o mal que faz a si próprio, desviando-se do bem, e buscará condições de reparação de seu desvio.

Palavras finais

Há muito a recuperar no que tange aos princípios científicos do Espiritismo. Disso depende sua retomada, sua restauração, livre de dogmas e falsas ideias **diariamente** divulgadas e ensinadas nos centros espíritas, nas tribunas e, agora, na Internet, onde encontram uma lastimável facilidade de propagação. Precisamos utilizar essa facilidade em favor do bem e da restauração das ideias verdadeiras, não atacando os outros, como muitos ainda perdem o tempo fazendo, mas recuperando a verdade e as divulgando, em verdadeiro trabalho de formiguinha, onde cada um precisa carregar os seus grãos. Tome sua iniciativa. Esqueça, de momento, os romances. Estude o Espiritismo onde ele realmente existe como doutrina científica.

Já sabemos o essencial; há razão em se dedicar?

Muitos de nós, e eu me coloco entre esses, em certos momentos se perguntam, sobre o Espiritismo: “parece que já entendi o essencial. Qual o sentido de continuar estudando? Ninguém mais parece querer saber sobre isso.”

Minha sugestão é que, sempre que nos encontrarmos com falta de respostas, evoquemos os bons Espíritos, pela disposição interna do próprio pensamento. A resposta, de uma forma ou de outra, não tardará a surgir.

Não me considero médium, propriamente dito, mas tenho, como todo Espírito encarnado tem, a capacidade intuitiva. Eis que hoje, sem esperar, me veio ao pensamento: Revista Espírita, agosto de 1865. Deixo a vocês essa maravilhosa

reflexão do próprio Kardec:

O que ensina o Espiritismo

“Há criaturas que perguntam quais são as conquistas novas que devemos ao Espiritismo. Pelo fato de ele não ter dotado o mundo com uma nova indústria produtiva, como o vapor, concluem que ele nada produziu. A maior parte dos que fazem tal pergunta, não se tendo dado ao trabalho de estudá-lo, só conhecem o Espiritismo de fantasia, criado para as necessidades da crítica, e que nada tem de comum com o Espiritismo sério. Não é, pois, de admirar que perguntem qual pode ser o seu lado útil e prático. Teriam tido que buscá-lo em sua fonte, e não nas caricaturas que dele fizeram os que só têm interesse em denegri-lo.

Numa outra ordem de ideias, alguns acham, ao contrário, a marcha do Espiritismo muito lenta para o seu gosto. Admiram-se que ele não tenha ainda sondado todos os mistérios da Natureza, nem abordado todas as questões que parecem ser de sua alçada; gostariam de vê-lo diariamente ensinar coisas novas, ou enriquecer-se com alguma descoberta. Como ele ainda não resolveu a questão da origem dos seres, do princípio e do fim de todas as coisas, da essência divina e de algumas outras do mesmo porte, concluem que não saiu do á-bê-cê; que ainda não entrou na verdadeira via filosófica e que se arrasta nos lugares-comuns, porque prega incessantemente a humildade e a caridade. Dizem eles: “Até hoje ele nada de novo nos ensinou, porque a reencarnação, a negação das penas eternas, a imortalidade da alma, a gradação através dos períodos da vitalidade intelectual, o perispírito, não são descobertas espíritas propriamente ditas; então é preciso caminhar para descobertas mais verdadeiras e mais sólidas.”

A tal respeito julgamos que devemos apresentar algumas observações, que também não serão novidades, mas há coisas que devem ser repetidas sob diversas formas.

É verdade que o Espiritismo nada inventou de tudo isso, pois não há verdadeiras verdades senão aquelas que são eternas e que, por isto mesmo, devem ter germinado em todas as épocas. Mas não é alguma coisa havê-las tirado, senão do nada, ao menos do esquecimento; de um germe ter feito uma

planta vivaz; de uma ideia individual, perdida na noite dos tempos, ou abafada pelos preconceitos, ter feito uma crença geral; ter provado o que estava em estado de hipótese; ter demonstrado a existência de uma lei no que parecia excepcional e fortuito; de uma teoria vaga ter feito uma coisa prática; de uma ideia improdutiva ter tirado aplicações úteis? Nada é mais verdadeiro que o provérbio: “Não há nada de novo sob o sol”, e até mesmo essa verdade não é nova. Assim, não há uma descoberta da qual não se encontrem vestígios e o princípio em algum lugar. Por conta disto, Copérnico não teria o mérito de seu sistema, porque o movimento da Terra tinha sido suspeitado antes da era cristã. Era uma coisa tão simples, entretanto, era preciso encontrá-la. A história do ovo de Colombo será sempre uma eterna verdade.

Além disso, é incontestável que o Espiritismo ainda tem muito a nos ensinar. É o que não temos cessado de repetir, pois jamais pretendemos que ele tenha dito a última palavra. No entanto, considerando-se que ainda há o que fazer, segue-se que ele não tenha ainda saído do á-bê-cê? Seu á-bê-cê foram as mesas girantes, e a partir de então, ao que nos parece, ele tem dado alguns passos; parece-nos mesmo que tais passos foram grandes em alguns anos, se o compararmos às outras ciências que levaram séculos para chegar ao ponto em que estão. Nenhuma chegou ao apogeu num primeiro impulso; elas avançam, não pela vontade dos homens, mas à medida que as circunstâncias as põem no caminho de novas descobertas. Ora, ninguém tem o poder de comandar essas circunstâncias, e a prova é que todas as vezes que uma ideia é prematura, ela aborta, para reaparecer mais tarde, em tempo oportuno.

Mas em falta de novas descobertas, os homens de ciência nada terão que fazer? A Química não será mais a Química se diariamente não descobrir novos corpos? Os astrônomos serão condenados a cruzar os braços por não encontrarem novos planetas? E assim em todos os outros ramos das Ciências e da indústria. Antes de procurar coisas novas, não se tem que fazer aplicação daquilo que se sabe? É precisamente para dar aos homens tempo de assimilar, aplicar e vulgarizar o que sabem, que a Providência põe em compasso de espera a marcha para a frente. Aí está a História para nos mostrar que as Ciências não seguem uma marcha ascendente contínua, pelo menos ostensivamente. Os grandes movimentos que revolucionam uma ideia só se operam em intervalos mais ou menos distanciados. Não há, portanto, estagnação, mas elaboração, aplicação e frutificação daquilo que se sabe, o que sempre é progresso.

Poderia o Espírito humano absorver incessantemente novas ideias? A própria Terra não necessita de um tempo de repouso antes de reproduzir? Que diriam de um professor que diariamente ensinasse novas regras aos seus alunos, sem lhes dar tempo para se exercitarem nas que aprenderam, de com elas se identificarem e de aplicá-las? Então Deus seria menos providente e menos hábil que um professor?

Em todas as coisas, as ideias novas devem encaixar-se nas ideias adquiridas. Se estas não estão suficientemente elaboradas e consolidadas no cérebro; se o espírito não as assimilou, aquelas que aí quisermos implantar não criarão raízes. Estaremos semeando no vazio.

Dá-se o mesmo em relação ao Espiritismo. Os adeptos de tal modo aproveitaram o que ele até hoje ensinou, que nada mais tenham a fazer? São de tal modo caridosos, desprovidos de orgulho, desinteressados, benevolentes para os seus semelhantes; moderaram tanto as suas paixões, abjuraram o ódio, a inveja e o ciúme; enfim são tão perfeitos que de agora em diante seja supérfluo pregar-lhes a caridade, a humildade, a abnegação, numa palavra, a moral? Essa pretensão, por si só, provaria quanto ainda necessitam dessas lições elementares, que alguns consideram fastidiosas e pueris. É, entretanto, somente com o auxílio dessas instruções, se as aproveitarem, que poderão elevar-se bastante para se tornarem dignos de receber um ensinamento superior.

O Espiritismo tem como objetivo a regeneração da Humanidade: isto é um fato constatado. Ora, não podendo essa regeneração operar-se senão pelo progresso moral, daí resulta que seu objetivo essencial, providencial, é o melhoramento de cada um. Os mistérios que ele nos pode revelar são o acessório. Porque ele nos abriu o santuário de todos os conhecimentos, não estaríamos mais adiantados para o nosso estado futuro, se não fôssemos melhores. Para admitir-nos ao banquete da suprema felicidade, Deus não pergunta o que sabemos nem o que possuímos, mas o que valem e o bem que fizemos. É, pois, no seu melhoramento individual que todo espírita sincero deve trabalhar, antes de tudo. Só aquele que dominou suas más inclinações realmente tirou proveito do Espiritismo e receberá a sua recompensa. É por isto que os bons Espíritos, por ordem de Deus, multiplicam suas instruções e as repetem à saciedade; só um orgulho insensato pode dizer: Não preciso de mais nada. Só Deus sabe quando elas serão inúteis e só a ele cabe dirigir o ensino de seus mensageiros e de

adequá-lo ao nosso adiantamento.

Vejamos, entretanto, se fora do ensinamento puramente moral os resultados do Espiritismo são tão estéreis quanto pretendem alguns.

1.º – Inicialmente ele dá, como sabem todos, a prova cabal da existência e da imortalidade da alma. É verdade que não é uma descoberta, mas é por falta de provas sobre este ponto que há tantos incrédulos ou indiferentes quanto ao futuro; é provando o que não passava de teoria, que ele triunfa sobre o materialismo e evita as funestas consequências deste sobre a Sociedade. Tendo transformado em certeza a dúvida sobre o futuro, é toda uma revolução nas ideias, cujas consequências são incalculáveis. Se a isto se limitassem os resultados das manifestações, esses resultados seriam imensos.

2.º – Pela firme crença que desenvolve, ele exerce uma ação poderosa sobre o moral do homem; leva-o ao bem, consola-o nas aflições, dá-lhe força e coragem nas provações da vida e o desvia do pensamento do suicídio.

3.º – Retifica todas as ideias falsas que se tivessem feito do futuro da alma, do Céu, do inferno, das penas e das recompensas; destrói radicalmente, pela irresistível lógica dos fatos, os dogmas das penas eternas e dos demônios; numa palavra, desvela-nos a vida futura e no-la mostra racional e conforme à justiça de Deus. É ainda uma coisa de muito valor.

4.º – Dá a conhecer o que se passa no momento da morte. Esse fenômeno, até hoje insondável, não mais tem mistérios; as menores particularidades dessa passagem tão temida são hoje conhecidas. Ora, como todo mundo morre, tal conhecimento interessa a todo mundo.

5.º – Pela lei da pluralidade das existências, abre um novo campo à Filosofia; o homem sabe de onde vem, para onde vai, com que objetivo está na Terra. Explica a causa de todas as misérias humanas, de todas as desigualdades sociais; dá as próprias leis da Natureza como base dos princípios de solidariedade universal, de fraternidade, de igualdade e de liberdade, que se assentavam apenas na teoria. Enfim, lança luz sobre as questões mais árduas da Metafísica, da Psicologia e da Moral.

6.º – Pela teoria dos fluidos perispirituais, dá a conhecer o mecanismo das sensações e das percepções da alma; explica os fenômenos da dupla vista, da

visão à distância, do sonambulismo, do êxtase, dos sonhos, das visões, das aparições, etc.; abre um novo campo à Fisiologia e à Patologia.

7.º – Provando as relações existentes entre os mundos corporal e espiritual, mostra neste último uma das forças ativas da Natureza, um poder inteligente, e revela a razão de uma porção de efeitos atribuídos a causas sobrenaturais que alimentaram a maioria das ideias supersticiosas.

8.º – Revelando o fato das obsessões, faz conhecer a causa, até aqui desconhecida, de numerosas afecções sobre as quais a Ciência se havia equivocado em detrimento dos doentes, e dá os meios de curá-los.

9.º – Dando-nos a conhecer as verdadeiras condições da prece e seu modo de ação; revelando-nos a influência recíproca dos Espíritos encarnados e desencarnados, ensina-nos o poder do homem sobre os Espíritos imperfeitos para moralizá-los e arrancá-los aos sofrimentos inerentes à sua inferioridade.

10.º – Dando a conhecer a magnetização espiritual, que era desconhecida, abre ao magnetismo um novo caminho e lhe traz um novo e poderoso elemento de cura.

O mérito de uma invenção não está na descoberta de um princípio, quase sempre anteriormente conhecido, mas na aplicação desse princípio. A reencarnação, sem dúvida, não é uma ideia nova, tanto quanto o perispírito, descrito por São Paulo sob o nome de corpo espiritual, nem mesmo a comunicação com os Espíritos. O Espiritismo, que não se gaba de haver descoberto a Natureza, procura cuidadosamente todos os traços que pode encontrar, da anterioridade de suas ideias, e quando os encontra, apressa-se em proclamá-los, como prova em apoio ao que propõe. Aqueles, pois, que invocam essa anterioridade visando depreciar o que ele faz, vão contra o seu objetivo, e agem incorretamente, pois isto poderia levantar a suspeita de uma ideia preconcebida.

A descoberta da reencarnação e do perispírito não pertence, pois, ao Espiritismo. É coisa sabida. Mas, até o aparecimento dele, que proveito a Ciência, a Moral, a Religião haviam tirado desses dois princípios, ignorados pelas massas, e mantidos em estado de letra morta? Ele não só os pôs à luz, os provou e fez reconhecer como leis da Natureza, mas os desenvolveu e faz frutificar; deles já fez saírem numerosos e fecundos resultados, sem os quais

não se poderia compreender uma infinidade de coisas; diariamente nos leva a compreendermos coisas novas, e estamos longe de esgotar essa mina. Levando-se em conta que esses dois princípios eram conhecidos, por que ficaram tanto tempo improdutivos? Por que, durante tantos séculos, todas as filosofias se chocaram contra tantos problemas insolúveis? É que eram diamantes brutos, que deviam ser lapidados: é o que fez o Espiritismo. Ele abriu um novo caminho à Filosofia, ou melhor, criou uma nova Filosofia que diariamente conquista seu lugar no mundo. Então, estes são resultados de tal modo nulos que devemos acelerar a caminhada em busca de descobertas mais verdadeiras e mais sólidas?

Em resumo, um certo número de verdades fundamentais, esboçadas por alguns cérebros de escol, e conservadas, em sua maioria, como que em estado latente, uma vez que foram estudadas, elaboradas e provadas, de estéreis que eram, tornam-se uma mina fecunda, de onde saíram inúmeros princípios secundários e aplicações, e abriram um vasto campo à exploração, novos horizontes às Ciências, à Filosofia, à Moral, à Religião e à economia social.

Tais são, até hoje, as principais conquistas devidas ao Espiritismo, e não temos feito mais do que indicar os pontos culminantes. Supondo que devessem limitar-se a isto, já nos poderíamos dar por satisfeitos, e dizer que uma ciência nova, que dá tais resultados em menos de dez anos, não é acusada de nulidade, porque toca em todas as questões vitais da Humanidade e traz aos conhecimentos humanos um contingente que não se pode desdenhar. Até que apenas esses pontos tenham recebido todas as aplicações que lhes são susceptíveis, e que os homens os tenham aproveitado, ainda se passará muito tempo, e os espíritas que quiserem pô-los em prática para si próprios e para o bem de todos, não ficarão desocupados.

Esses pontos são outros tantos focos de onde irradiarão inumeráveis verdades secundárias que se trata de desenvolver e aplicar, o que se faz diariamente, porque diariamente se revelam fatos que levantam uma nova ponta do véu. O Espiritismo deu sucessivamente e em alguns anos todas as bases fundamentais do novo edifício. Cabe agora a seus adeptos pôr em prática esse material, antes de pedir materiais novos. Deus saberá bem lhos fornecer, quando tiverem completado sua tarefa.

Dizem que os espíritas só sabem o á-bê-cê do Espiritismo. Que seja. Para

começar, então, aprendamos a soletrar esse alfabeto, o que não é problema de um dia, porque, mesmo reduzido tão somente a essas proporções, passará muito tempo antes que tenhamos esgotado todas as combinações e recolhido todos os frutos. Não restam mais fatos a explicar? Aliás, os espíritas não têm que ensinar esse alfabeto aos que o ignoram? Já lançaram eles a semente em toda parte onde poderiam fazê-lo? Não resta mais incrédulos a converter, obsedados a curar, consolações a dar, lágrimas a enxugar? Temos razões para dizer que não há mais nada a fazer quando ainda não terminamos a tarefa, quando ainda restam tantas chagas a fechar? Aí estão nobres ocupações que vale a pena conhecer melhor e um pouco mais cedo que os outros.

Saibamos, pois, soletrar o nosso alfabeto antes de querer ler correntemente no grande livro da Natureza. Deus saberá bem no-lo abrir, à medida que avançarmos, mas não depende de nenhum mortal forçar sua vontade, antecipando o tempo para cada coisa. Se a árvore da Ciência é muito alta para que possamos atingi-la, esperemos para voar sobre ela que as nossas asas estejam crescidas e solidamente pregadas, para não termos a sorte de Ícaro.

“Espírito sente fome?” ou, “como afastar do estudo o estudante honesto”

Espírito sente fome, mas, calma!

Ao contrário do que muitos afirmam taxativamente (e muitas vezes de forma bastante áspera, melhor fórmula para afastar do estudo as pessoas que vêm do movimento espírita como o conhecemos), o Espírito apegado à matéria poderá sofrer de todas as vicissitudes da matéria, quando muito apegado a ela. Poderá sofrer de fome, de frio, de calor, de medo, etc. Claro: é um sofrimento que se origina nele, em si, isto é, é um sofrimento de origem moral, mas que, para ele, *até que entenda*, tem todas as características de um sofrimento **material**.

Quem diz isso é Kardec e os Espíritos, não eu:

“A quem quer que não conheça a verdadeira constituição do mundo invisível, parecerá estranho que Espíritos que, segundo eles, são seres abstratos, imateriais, indefinidos, sem corpo, sejam vítimas dos horrores da fome; mas o espanto cessa quando se sabe que esses mesmos Espíritos são seres como nós, que têm um corpo fluídico, é verdade, mas que não deixa de ser matéria; que deixando o seu envoltório carnal, certos Espíritos continuam a vida terrena com as mesmas vicissitudes, durante um tempo mais ou menos longo. Isto parece singular, mas assim é, e a observação nos ensina que essa é a situação dos Espíritos que viveram mais a vida material do que a vida espiritual, situação por vezes terrível, porque a ilusão das necessidades da carne se faz sentir, e eles têm todas as angústias de uma necessidade impossível de saciar. O suplício mitológico de Tântalo, entre os Antigos, acusa um conhecimento mais exato do que se supõe, do estado do mundo de além-túmulo, sobretudo mais exato do que entre os modernos. Muito diferente é a posição daqueles que desde esta vida se desmaterializaram pela elevação de seus pensamentos e sua identificação com a vida futura. Todas as dores da vida corporal cessam com o último suspiro, e logo o Espírito plana, radioso, no mundo etéreo, feliz como um prisioneiro livre de suas cadeias. Quem nos disse isto? É um sistema, uma teoria? Alguém disse que deveria ser assim, e nós acreditamos sob palavra? Não; são os próprios habitantes do mundo invisível que o repetem em todos os pontos do globo, para ensinamento dos encarnados. Sim, legiões de Espíritos continuam a vida corporal com suas torturas e suas angústias. Mas quais? Aqueles que ainda estão muito avassalados à matéria para dela se destacarem instantaneamente. É uma crueldade do Ser Supremo? Não. É uma lei da Natureza, inerente ao estado de inferioridade dos Espíritos e necessária ao seu adiantamento; é uma prolongação mista da vida terrestre durante alguns dias, alguns meses, alguns anos, conforme o estado moral dos indivíduos. “

[RE, junho, 1868]

As comunicações que indicaram tais tipos de sofrimentos são as mais diversas, frequentemente apresentadas na Revista Espírita e nas outras obras. Algumas delas:

10. Lembrai-vos dos instantes de vossa morte?

- R. *É alguma coisa de terrível, impossível de descrever. Figurai-vos estar numa fossa com dez pés de terra sobre vós, querer respirar e faltar ar, querer gritar: “Estou vivo!” e sentir sua voz abafada; ver-se morrer e não poder chamar por socorro; sentir-se cheio de vida e riscado da lista dos vivos; ter sede e não poder se dessedentar; **sentir as dores da fome e não poder fazê-la cessar**; morrer, numa palavra, numa raiva de condenado*

[RE, agosto, 1862]

[...] *Quanto aos Espíritos inferiores, estão ainda completamente impregnados de fluidos terrenos; portanto, são materiais, como podeis compreender. Por isso sofrem fome, frio, etc., sofrimentos que não podem atingir os Espíritos superiores, visto que os fluidos terrenos já foram depurados no seu pensamento, quer dizer, na sua alma*

[LAMENNAIS, OLM, 1861]

[...] *não há um único [Espírito] cuja matéria não tenha que lutar com o Espírito que se reencontra. O duelo teve lugar, a carne foi dilacerada, o Espírito obscureceu-se no instante da separação, e na erraticidade o Espírito reconheceu a verdadeira vida. Agora vou dizer-vos algumas palavras daqueles para os quais esse estado é uma prova. Oh! quanto ela é penosa! eles se crêem vivos e bem vivos, possuindo um corpo capaz de sentir e de saborear os gozos da Terra, e quando suas mãos vão tocar, suas mãos se apagam; quando querem aproximar seus lábios de uma taça ou de uma fruta, seus lábios se aniquilam; eles vêem, querem tocar, e não podem nem sentir nem tocar. Quanto o paganismo oferece uma bela imagem desse suplício, apresentando Tântalo tendo fome e sede e não podendo jamais tocar os lábios na fonte d'água que murmura ao seu ouvido, ou o fruto que parece amadurecer para ele*

[Santo Agostinho, RE, 1864]

*“É um suplício para o orgulhoso ver-se relegado às últimas posições, enquanto acima dele, cobertos de glória e de festas, estão aqueles que ele desprezou na Terra. Para o hipócrita, ver-se penetrado pela luz que põe a nu seus mais secretos pensamentos que todos podem ler, sem nenhum meio para se esconder e dissimular. Para o sensual, **ter todas as tentações, todos os desejos, sem***

***poder satisfazê-los.** Para o avaro, ver seu ouro dilapidado e não poder retê-lo. Para o egoísta, ser abandonado por todos e sofrer tudo o que outros sofreram por ele: terá sede e ninguém lhe dará de beber, terá fome e ninguém lhe dará de comer.”*

[Kardec, OCI, 1865]

O Espírito pode sentir uma fome maior do que a nossa, **por conta de um sofrimento moral**, isso é claro, devido ao apego material. Por esse apego, se verá em corpo, e não em Espírito. Materializará todas as sensações. Poderá até mesmo tentar ingerir um “alimento”, criado pela sua própria mente, e esse alimento poderá ter todas as características de um alimento material... Mas que, contudo, não o saciará, posto que, de fato, o Espírito não tem um estômago real, nem qualquer outro órgão. Não depende da alimentação para sobreviver. Assim, ficará nesse estado por um tempo maior ou menor, que para ele parecerá eterno, enquanto se mantiver voluntariamente nesse estado mental — ao que, muitas vezes, a reencarnação compulsória, como ato da misericórdia divina, atendendo à sua incapacidade de escolha, o vem furtar. Há uma forma de agir, se espalhando entre o movimento espírita estudioso, que é tão danosa quanto àquela dos espíritas que acreditam em tudo: é o de negar a tudo e a tudo refutar duramente. É a isso que tenho tentado chamar a atenção. Muitos tendem, mesmo, a atacar indivíduos e a rechaçar ideias com pedras nas mãos, como se fossem todas ridículas, sem compreender as nuances do mundo espiritual e se fazendo doutores em assuntos dos quais somos apenas aprendizes, aprendendo a balbuciar as primeiras letras do alfabeto. Já estive entre eles, e hoje compreendo meu erro.

Talvez, guiados por uma animosidade irresoluta e quase raivosa quanto a certas afirmativas frequentemente vistas no meio espírita em geral, e crendo-se senhores das luzes espirituais, muitos recebem questionamentos como esses — “Espíritos sentem fome” — com o mesmo grau de animosidade. Ao invés de esclarecer, afastam o indivíduo, que se sente humilhado por ter perguntado sobre algo que, talvez, tenha visto o próprio Kardec afirmar.

Não foi à toa (nunca é à toa que um Espírito, de qualquer elevação, agindo com honestidade, faz qualquer tipo de afirmação) que São Luís disse, na RE de 1866:

Mas se, graças às luzes do alto, fordes mais instruídos e compreenderdes mais,

também deveis ser mais tolerantes e não empregar, como meio de propagação, senão o raciocínio, porque toda crença sincera é respeitável.

Amigos, Espiritismo é ciência, e tem duas partes: a parte dos Espíritos, que é de conhecimento maior ou menor deles e que conhecemos por suas manifestações, e a a parte dos homens, que é puramente teórica, ainda que absolutamente racional e lógica (e o que não faz dela menos “ciência”). Teorias se aproximam mais ou menos da verdade e, de nossa parte, nos cabe a **investigação**, e não a tola mania a tudo afirmar ou negar. Kardec, esse sim, foi o cientista extremamente brilhante que entendeu esse princípio, o que o fez, ao invés de descartar, **investigar** as afirmações aparentemente mais absurdas vindas dos Espíritos, quando, é lógico, identificava nela honestidade, e não o claro propósito de mistificar.

Portanto, aos questionamentos “Espírito sente fome? Sente frio? Sono? Constrói casas?”, a resposta é: **depende de sua elevação**. Pode sentir ou fazer tudo isso, mas, tenha certeza, não tem necessidade nenhuma, sofre e perde tempo quando se encontra nesse estado, por apego à matéria.

Obrigações do Espiritismo

O Espiritismo é uma ciência essencialmente moral. Então, os que se dizem seus adeptos não podem, sem cometer uma grave in consequência, subtrair-se às obrigações que ele impõe.

(Revista Espírita, Paris, abril de 1866 – Médiun: Sra. B...)

*[grifos nossos; **leia até o fim**]*

Essas obrigações são de duas ordens.

A primeira concerne o indivíduo que, ajudado pelas **claridades intelectuais que a doutrina espalha**, pode melhor compreender o valor de cada um de seus atos, melhor sondar todos os refolhos de sua consciência, melhor apreciar a infinita bondade de Deus, *que não quer a morte do pecador mas que ele se converta e*

viva, e que para lhe deixar a possibilidade de erguer-se de suas quedas, lhe deu a longa série de existências sucessivas, em cada uma das quais, levando o peso de suas faltas passadas, ele pode adquirir novos conhecimentos e novas forças, fazendo-o evitar o mal e praticar o que é conforme à justiça e à caridade. **Que dizer daquele que, assim esclarecido sobre os seus deveres para com Deus, para com os irmãos, permanece orgulhoso, cúvido, egoísta?** Não parece que a luz o tenha enceguecido, porque não estava preparado para recebê-la? Desde então marcha nas trevas, embora esteja em meio à luz. **Ele só é espírita de nome.** A caridade fraterna dos que veem realmente, deve esforçar-se por curá-lo dessa cegueira intelectual. Mas, para muitos dos que se lhe assemelham, será necessária a luz que o túmulo traz, porque seu coração está muito ligado aos prazeres materiais e seu espírito não está maduro para receber a verdade. Numa nova encarnação compreenderão que os planetas inferiores, como a Terra, não passam de uma espécie de **escola mútua**, onde a alma começa a desenvolver suas faculdades, suas aptidões, para em seguida aplicá-las ao estudo dos grandes princípios da ordem, da justiça, do amor e da harmonia que regem as relações das almas entre si e as funções que elas desempenham na direção do Universo. Eles sentirão que, chamada a uma tão alta dignidade, qual a de se tornar mensageira do Altíssimo, a alma humana não deve aviltar-se, degradar-se ao contato dos prazeres imundos da volúpia; das ignóbeis tentações da avareza que subtrai a alguns filhos de Deus o gozo dos bens que ele deu para todos; compreenderão que o egoísmo, nascido do orgulho, cega a alma e a faz violar os direitos da justiça, da humanidade, porquanto ele engendra todos os males que fazem da Terra um lugar de dores e expiações. Instruído pelas duras lições da adversidade, seu espírito será amadurecido pela reflexão, e seu coração, depois de ter sido ralado pela dor, se tornará bom e caridoso. É assim que aquilo que nos parece um mal, por vezes é necessário para reconduzir os endurecidos. Esses pobres retardatários, regenerados pelo sofrimento, esclarecidos por essa luz interior que podemos chamar de batismo do Espírito, velarão com cuidado sobre si mesmos, isto é, sobre os movimentos do seu coração e o emprego de suas faculdades, para dirigi-los conforme as leis da justiça e da fraternidade. **Eles compreenderão que não são apenas obrigados, eles próprios, a se melhorarem, cálculo egoísta que impede o atingimento do objetivo visado por Deus, mas que a segunda ordem das obrigações do espírita, que decorre necessariamente da primeira e a completa, é a do exemplo, que é o melhor meio de propagação e renovação.**

Com efeito, aquele que está convencido da excelência dos princípios que lhe são ensinados e que devem, se a eles conformar a sua conduta, proporcionar-lhe uma felicidade duradoura, não pode, se estiver verdadeiramente animado dessa caridade fraterna que está na própria essência do Espiritismo, senão desejar que sejam compreendidos por todos os homens. Daí a obrigação moral de conformar sua conduta com a sua crença e de ser um exemplo vivo, um modelo, como o Cristo o foi para a Humanidade.

Vós, fracas centelhas oriundas do eterno foco do amor divino, certamente não podeis pretender uma tão vasta radiação quanto a do Verbo de Deus encarnado na Terra, **mas cada um, na vossa esfera de ação, pode espalhar os benefícios do bom exemplo.** Podeis fazer com que a virtude seja amada, cercando-a do encanto dessa benevolência constante que atrai, cativa e mostra, enfim, que a prática do bem é coisa fácil; que gera a felicidade íntima da consciência que se colocou sob sua lei, pois ela é o cumprimento da vontade divina que nos fez dizer, por intermédio do seu Cristo: *Sede perfeitos, como vosso Pai celestial é perfeito.*

Ora, o Espiritismo não é senão a aplicação verdadeira dos princípios da moral ensinada por Jesus, porque não é senão com o objetivo de fazê-la por todos compreendida, a fim de que por ela todos progridam mais rapidamente, que Deus permite esta universal manifestação do Espírito, vindo explicar-vos o que vos parecia obscuro e vos ensinar toda a verdade. **Ele vem, como o Cristianismo bem compreendido, mostrar ao homem a absoluta necessidade de sua renovação interior pelas próprias consequências de cada um de seus atos, de cada um de seus pensamentos, porque nenhuma emanção fluídica, boa ou má, escapa do coração ou do cérebro do homem sem deixar uma impressão em algum lugar.** O mundo invisível que vos cerca é para vós *esse Livro de Vida* onde tudo se inscreve com uma incrível fidelidade, e a *Balança da Justiça divina* não é senão uma figura que revela cada um dos vossos atos, cada um dos vossos sentimentos. É, de certo modo, o peso que sobrecarrega a vossa alma e a impede de elevar-se, ou que traz o equilíbrio entre o bem e o mal.

Feliz aquele cujos sentimentos partem de um coração puro. Ele espalha em seu redor uma suave atmosfera que faz amar a virtude e atrai os bons Espíritos; seu poder de radiação é tanto maior quanto mais humilde for, e conseqüentemente mais desprezado das influências materiais que

atraem a alma e a impedem de progredir.

As obrigações impostas pelo Espiritismo são, portanto, de uma natureza essencialmente moral, porque são uma consequência da crença; **cada um é juiz e parte em sua própria causa**; mas as claridades intelectuais que ele traz a quem realmente quer *conhecer-se a si mesmo* e trabalhar em seu melhoramento são tais que amedrontam os pusilânimes, e é por isso que ele é rejeitado por tantas pessoas. **Outros tratam de conciliar a reforma que sua razão lhes demonstra ser uma necessidade com as exigências da Sociedade atual. Daí uma mistura heterogênea, uma falta de unidade que faz da época atual um estado transitório.** É muito difícil para a vossa pobre natureza corporal despojar-se de suas imperfeições para revestir o homem novo, isto é, o homem que vive segundo os princípios de justiça e de harmonia desejados por Deus. Com esforços perseverantes, nada obstante, lá chegareis, porque as obrigações impostas à consciência, quando suficientemente esclarecida, têm mais força do que jamais terão as leis humanas baseadas no constrangimento de um obscurantismo religioso que não suporta exame. **Mas se, graças às luzes do alto, fordes mais instruídos e compreenderdes mais, também deveis ser mais tolerantes e não empregar, como meio de propagação, senão o raciocínio, porque toda crença sincera é respeitável.** Se vossa vida for um belo modelo em que cada um possa achar bons exemplos e sólidas virtudes, onde a dignidade se alia a uma graciosa amenidade, rejubilai-vos, porque tereis compreendido, pelo menos em parte, a que obriga o Espiritismo.

LUÍS DE FRANÇA (São Luís)

=====

O problema da atual ideia da “reforma íntima” não é uma questão de palavras, mas isso ter se tornado ponto central, como se a missão do indivíduo fosse se melhorar, **somente**. A cada dia, está demonstrado que o verdadeiro espírita, porque entendeu a luz que se lhe abriu ante os horizontes espirituais, se melhora de forma humilde, auxiliando o seu próximo com a mesma humildade, não lhe fustigando a consciência a golpes de murros e facas. A verdadeira face do bem é a cooperação, e não a disputa. O mais elevado, serve.

Luís inicia o texto afirmando: o Espiritismo é uma ciência e, como tal, espalha claridades intelectuais. O Espiritismo serve ao conhecimento, que é peça

necessária para o progresso do indivíduo. Mas não basta isso: é necessário o exemplo, e disso temos várias provas na humanidade, sendo o Cristo a mais expressiva delas. Ele, que veio lavar nossos pés, demonstrou: o mais elevado, serve, dando de si mesmo o exemplo abnegado.

Ao final, Luís destaca: se somos mais instruídos, é graças às “luzes do alto”, não porque não nos cabe o esforço pessoal, mas porque, sem a cooperação caridosa daquele que está mais alto, não aprenderíamos! Aliás, aquele que entra na falsa ideia e se isola pelo egoísmo e pelo orgulho, sai da possibilidade desse aprendizado, por algum tempo. Essa é a face mais verdadeira possível da Criação, conforme o Espiritismo demonstra! A disputa, a ideia de que o mundo seja dos mais espertos, o egoísmo, o orgulho, enfim, são todas falsas concepções, ligadas às falsas ideias humanas, que conduzem o ser aos abismos que os aprisionam e dos quais cabe apenas dele o esforço em escapar. Em absoluto, são ideias que **não representam** a verdade sobre a Criação ou as relações como Espíritos!

Essa é uma comunicação que deve ser lida, relida, discutida e, quem sabe, colocada à cabeceira.

A questão das escolhas

A vida é feita de escolhas. Às vezes, são escolhas lúcidas, isto é, sabemos bem que algo é correto ou não; outras vezes, são escolhas “ignorantes”, isto é, não conhecemos o suficiente para supor os resultados. Destas, podemos colher erros ou acertos e, no caso de erro, não existe “pecado”, pois o erro faz parte da evolução. Desde que não se apegue a ele, “está tudo certo”. Basta seguir em frente e não repetir o erro. Não há condenação, nem houve propósito de mal.

A grande questão é quando a escolha por aquilo que é errado se dá de forma mais consciente — e aqui não considero uma plena consciência, porque, se ela existisse, não se faria a má escolha. O indivíduo, dotado de consciência e de inteligência, age em favor do apego àquilo que é errado ou que traz maus frutos. Sim, age envolto numa confusão de ideias, que nasceram em primeiro lugar do seu ímpeto de se satisfazer em algum aspecto — daí a assertividade em dizer que

o egoísmo e o orgulho são as mães de todas as demais imperfeições — e, muitas vezes, nem pensa em fazer o mal, mas sim em satisfazer seus próprios desejos ou [falsas] necessidades. Esse é o ponto problemático das más escolhas, onde o próprio indivíduo se condena a um turbilhão de maus efeitos em que a causa é ele mesmo e ninguém mais, e onde se afasta do Bem, que é o caminho, para tomar um desvio que duras penas lhe custarão para retomar, pois requer o exercício do desapego.

Dito isto, muitos se perguntarão: em ambos os casos, mas especialmente no segundo, então, como errar menos? Como julgar melhor nossas próprias ações? Como evitar o erro pontual e como exercitar o desapego antes que certo hábito se torne uma terrível imperfeição?

Resumidamente, a resposta é uma pergunta retórica: por que você acha que os próprios Espíritos dos indivíduos antes encarnados — Espíritos sábios e Espíritos ignorantes; Espíritos bondosos e Espíritos maldosos; Espíritos felizes e Espíritos sofredores — dedicaram seu tempo para nos contar de suas próprias aventuras? Por que você acha que um indivíduo de ciências, dedicado filósofo da educação e conhecedor de tantas outras ciências, tendo vislumbrado algo nessas comunicações, dedicou, à exaustão, cerca de 14 anos de sua vida, de suas finanças, de suas alegrias, e de sua saúde em estudar e disseminar esse conhecimento, que formou o que conhecemos por Espiritismo ou Doutrina Espírita? POR QUÊ?

Quando a criança vê seu irmão sofrer uma queimadura por colocar a mão em brasa quente, muito provavelmente pensará duas vezes antes de fazer o mesmo. Imagine o que pode fazer um adulto, pleno de suas capacidades cerebrais, como esse conhecimento?! É, ainda assim, quantas pessoas, passando por anos e anos de sofrimentos tolamente cultivados, ESCOLHEM manter essas obras fechadas nas estantes, esquecidas em seus locais virtuais?

A passagem de Zaqueu, que, ao ver Jesus passar por sua porta, subiu em uma árvore para tentar vê-lo, sem se deixar ver interessado pelos cidadãos da cidade, pode ser a nossa mesma: basta ter interesse. A diferença é que nós não temos a necessidade de nos esconder de ninguém para ler um livro, a não ser quando **ESCOLHEMOS** nossa esconder de NÓS MESMOS, por um tolo medo de, vendo-se descoberto por si mesmo, ter que realizar o movimento de correção. Bem, a essa altura, se você agir assim, eu já posso lhe perguntar: por que é que você

gosta tanto da infelicidade?

A salvação é o conhecimento. A cura é realizada por você mesmo. E tudo isso está tão perto quanto a sua vontade **QUEIRA**. Essa é a mensagem: para fazer melhores escolhas, você precisa **ENTENDER** como funciona a Lei.

Ótimos novos dias para você.

Nossa posição final sobre as adulterações nas obras de Kardec

Estamos aqui apenas para deixar registrada nossa posição final sobre o assunto das adulterações nas obras de Kardec, sobre o qual não mais se discute, a não ser ante a evidências inquestionáveis ou provas irrefutáveis, coisa que nem o [“CSI do Espiritismo”](#) produziu. Apresentamos, sucintamente, os seguintes pontos:

1. A questão legal: **O Depósito Legal de A Gênese foi realizado apenas em 1872, cerca de três anos após a morte de Kardec**; o DL de O Céu e o Inferno, foi realizado cerca de três meses após sua morte. Isto já é fato legal suficiente para configurar crime a distribuição das obras alteradas, publicadas após o fatídico evento, e sobre isto não há discussão, nem, até hoje, nenhuma prova de que Kardec tenha realizado o processo legal, necessário para tal.

Esse ponto é importante, porque, ainda que tudo o que esteja ali publicado seja mesmo da mão de Kardec — o que implicaria no fato de ele ter voltado atrás de suas palavras, removido princípios e formado obras desconexas em si e entre si — ainda que tudo o que está ali seja das mãos de Kardec, ainda assim não podemos ter nem sequer a certeza de que ele desejaria que tudo aquilo fosse publicado, pela mera dúvida possível de que aquelas edições poderiam não estar finalizadas. É isso o que garante o direito autoral.

Mais que isso: legalmente, não importa se foram encontradas cartas (uma carta) em que Kardec mencionava a produção dessas novas edições. Se não houve o Depósito Legal da obra, pelas mãos de Allan Kardec, está configurado o crime contra a lei vigente à época e, do fato de o DL ser posterior à sua época, está configurado o crime contra o direito autoral.

2. Ainda que evidências apontem que Kardec estava finalizando ou mesmo que teria finalizado essas edições, nada prova que as edições impressas *não tenham sido adulteradas*. **Resta dúvida**, além do indiscutível fato legal.
3. Além disso, restam os fatos constatados pela razão, já discutidos [aqui](#), [aqui](#), [aqui](#), [aqui](#) e [aqui](#).

Portanto, repetindo sempre a nossa vontade de nos permanecer resguardado contra o erro, preferimos seguir o conselho de Erasto, **dispensando dez verdades para não ser possível ficar com uma só mentira, um só engano**. Há dúvida e, se há dúvida, a razão nos manda ficar com as obras originais, republicadas pela Editora FEAL, onde não apenas temos certeza de que todas as vírgulas vêm das mãos de Kardec, como também onde, pelo estudo, percebemos que as conexões intrínsecas das obras em si e entre si estão intactas e atendem à razão.

Assim, declaramos encerrado o assunto, tornando essa decisão parte de nossos princípios, não fazendo dele palco de discussões vazias, até que provas irrecusáveis venham a ser apresentadas. Até lá, ficamos com o que a nossa razão nos manda, por nossa livre vontade, respeitando quem, pela sua razão, chegue a outra conclusão, por mais estranho que isso nos pareça.

O Grupo.

Nossa posição final sobre as colônias espirituais e o umbral

Este artigo é bem sucinto e serve apenas para destacar nossa posição final, como grupo, sobre a questão das colônias espirituais, sobre a qual muitos insistem em dedicar tempo precioso em debates sem fim. Sendo sucinto, não dedicaremos tempo em longas explicações ou citações de Kardec, posto que o que falamos, aqui, está baseado no Espiritismo, do ponto de vista científico — o que quase absolutamente se encerrou com a morte de Kardec. Assim, que cada um tome, ou não, a decisão de estudar e raciocinar.

Adianto que este artigo não é para aquele que acredita já saber de tudo e que prefere seguir o que os outros dizem, mas sim para aqueles que buscam raciocinar por si mesmos, com base em conhecimento cientificamente produzido.

Os estudos de Allan Kardec

São fartas, nas obras do dedicado cientista, obtidas das comunicações dos Espíritos, passadas pelo método do duplo controle — generalidade dos ensinamentos, submetidos ao crivo da razão — as assertivas sobre a materialidade do mundo espiritual. **Não é demais asseverar que não foram ideias que nasceram de sua cabeça**, mas muito pelo contrário: nasceram da observação dos próprios Espíritos, milhares deles, por milhares de médiuns, espalhados pelo mundo. Muitas vezes, os próprios Espíritos demonstraram o erro das hipóteses que Kardec considerava.

O Livro dos Espíritos dá o princípio geral, que se confirma na Revista Espírita e que se conclui em A Gênese, após mais de uma década de estudos. Resumimos:

1. O Espírito pouco evoluído não se desprende fácil das ideias da matéria. Muitas vezes, nem percebe que o corpo morreu. Como, pelo pensamento, é capaz de manipular a matéria fluídica, condensa, assim, sem nem o perceber, suas próprias criações, que, contudo, são efêmeras, isto é, passageiras, e que duram apenas enquanto seu pensamento esteja sobre

elas.

2. Juntos, Espíritos afins criam verdadeiros cenários, ora mais alegres, ora verdadeiramente infernais.
3. Os cenários, individuais ou coletivos, refletem as crenças e os atavismos desses Espíritos, apegados às ideias materiais. É justamente por isso, o que é fácil perceber, que os Espíritos infelizes, através do tempo, transmitiram ideias que refletiram essas ideias: o inferno, o purgatório, o nada, os profundos vales, a caverna escura, etc. Por outro lado, é muito fácil perceber que os Espíritos mais felizes transmitem as ideias em sentido figurado, referindo-se ao sétimo céu, à cidade das flores, ao banquete espiritual, etc.
4. Os Espíritos infelizes externalizam suas dores morais e seus vícios, mas é justamente por não poder atender a esses últimos que sofrem, como um “castigo”.

Até onde a Doutrina se desenvolveu como ciência, isso está bem estabelecido. Depois dela, nasceram e se fortaleceram ideias de um materialismo absoluto no mundo dos Espíritos, onde até banheiro se usa e sopa se come. Um mundo fantástico foi formado pelos espíritas e adeptos que, pouco afeitos ao estudo, se permitiram dominar pelas ideias fantásticas, narradas em romances mediúnicos, cuja culpa não é do médium, nem do Espírito, mas sim de quem não julgou tais comunicações, não questionou, como deve ser - afinal, não saímos por aí acreditando na palavra de qualquer um, não é?

Ideias nascidas de opiniões

Hoje, esse folclore está de tal forma estabelecido que muitos se perguntam até “onde ficam as 58 colônias espirituais no Brasil”. Até quantidade estabelecida já tem. “Para qual colônia espiritual eu vou?” é outra indagação frequentemente feita...

Perguntamos: por que é que os Espíritos superiores não trouxeram essa verdade justamente a Kardec, que poderia muito bem explorá-la cientificamente? O argumento de que “o entendimento na época não seria possível” é completamente falso e não se sustenta, pois, na época de Kardec, as cidades, o desenvolvimento científico e industrial, a inteligência, enfim, todo o desenvolvimento científico humano encontrava-se na sua mais alta luz. Por que não, então? Se Kardec

abordou todo tipo de questão concernente ao mundo espiritual, repito: por que não? Se essa é uma verdade tão importante, já que estaria diretamente ligada ao nosso futuro próximo, após a morte, por que os Espíritos superiores não conduziram Espíritos nas mais diversas condições para tratar desse assunto, pela exploração científica, como fizeram com todos os outros assuntos? Por que conduziram aqueles que levaram, aliás, para o entendimento contrário, que conduz ao desapego a essa materialidade? Por quê?

Será que os apaixonados partidários dos sistemas nascidos desses romances nunca se fizeram essas perguntas? Será que a ausência dessas ideias sobre colônias espirituais e outras, no estudo científico de Kardec, se deve justamente ao fato de elas não refletem a verdade espiritual e só são transmitidas por Espíritos pouco desenvolvidos ou até por Espíritos mistificadores, que seriam prontamente vistos em erro, tal como acontece na Revista Espírita de julho de 1858 — O Falso Padre Ambrósio?

16. – Por que não sustentas a impostura em nossa presença?

– Porque minha linguagem é uma pedra de toque, com a qual não vos podeis enganar.

A Gênese, obra final, reunindo mais de 10 anos de estudos

Para não deixar de fora algumas conclusões muito importantes de Kardec, citaremos A Gênese, no cap. XIV — Os Fluidos:

Os Espíritos agem sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas com a ajuda do pensamento e da vontade, que são para o Espírito o que a mão é para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem no fluido essa ou aquela direção; eles os aglomeram, combinam ou dispersam e formam conjuntos com uma aparência, uma forma, uma cor determinada; mudam suas propriedades, como um químico muda as de um gás ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações são o resultado de uma intenção, mas

frequentemente são o produto de um pensamento inconsciente, pois basta o Espírito pensar numa coisa para que ela seja feita.

É assim, por exemplo, que um Espírito se apresenta à vista de um encarnado, dotado da vista espiritual, sob a aparência que tinha quando estava vivo, na época em que o conheceu, embora já tenha tido várias outras encarnações. Ele se apresenta com as vestes, os sinais externos, enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc. que tinha; um decapitado se apresentará sem a cabeça. Não digo que tenham conservado tais aparências; não, certamente, porque, como Espírito, ele não é coxo nem maneta, nem caolho nem decapitado. Mas seu pensamento, se reportando à época em que era assim, seu perispírito toma instantaneamente essa aparência, a qual muda também instantaneamente. Se ele havia sido uma vez negro e outra vez branco, ele se apresentará como negro ou como branco, de acordo com qual das duas encarnações ele seja evocado e para onde vá seu pensamento.

Por um efeito análogo, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que estava habituado a utilizar. Um avaro manejará ouro; um militar terá suas armas e seu uniforme; um fumante, seu cachimbo; um trabalhador, sua charrua e seus bois; uma velha mulher, sua roca.

Esses objetos fluídicos são tão reais para o Espírito quanto seriam no estado material para o homem encarnado. Mas, pelo fato de serem criados pelo pensamento, sua existência é tão efêmera quanto ele((Veja sobre objetos fluídicos na Revista Espírita, julho de 1859, página 184. Livro dos Médiuns, 2a parte, cap. VIII. (Nota de Allan Kardec.))).

Vale a pena ler também o artigo da Revista Espírita, citado por Kardec na nota de rodapé. Leia com atenção. A pergunta n.º 22 e sua resposta resumem tudo:

22. – Compreendemos que nos dois casos citados pela Senhora R., um dos Espíritos quisesse ter um cachimbo e o outro uma tabaqueira para impressionar a visão de uma pessoa viva. Pergunto, porém, se caso não tivesse chegado a fazê-la ver, poderia o Espírito pensar que tinha esses objetos, criando para si mesmo uma ilusão?

– Não, se ele tiver uma certa superioridade, porque terá perfeita consciência de sua condição. Já o mesmo não se dá com os Espíritos

inferiores.

OBSERVAÇÃO: Esse era, por exemplo, o caso da rainha de Oude, cuja evocação consta do nosso número de março de 1858, que ainda se julgava coberta de diamantes.

Conclusão

Longe de nós endeusarmos a personalidade de Allan Kardec, como se ele não estivesse sujeito ao erro. Apenas nos perguntamos, uma vez mais: como é que, em mais de uma década de estudos, onde Kardec penetrou em tantas verdades sobre o mundo dos Espíritos, ele não chegou a essa verdade, defendida apaixonadamente por certas pessoas? Como, em contrário, ele foi conduzido, pelos Espíritos superiores, para o entendimento de que a materialidade do mundo espiritual está ligado à ignorância do Espírito e que, portanto, é efêmera, não sendo possível cogitar, dessa forma, de cidades espirituais, erguidas e comandadas por Espíritos elevados, feitas para *sustentar* as ideias materialistas e *atrasar* o seu desapego, as *cultivando*, pelo contrário? São perguntas que não podem ser respondidas pelos sistemas, mas que estão muito clara e pacificamente respondidas pela ciência espírita.

Sabemos de **tudo** sobre o mundo dos Espíritos? Não, longe disso. Mas, daí a sistematizar ideias que não passaram pelo método científico, vai um largo (e torto) passo. Não o daremos, pois preferimos ficar com o conselho de Erasto, asseverando que “**mais vale rejeitar dez verdades do que admitir uma única mentira, uma única teoria falsa**”.

E, com isso, encerramos esse assunto, até que ele possa voltar ao campo científico, se necessário for, para ser continuado.

Deus não se vinga

O artigo presente, “Deus não se vinga”, foi extraído textualmente de Revista espírita — Jornal de estudos psicológicos — 1865 > Maio > Dissertações espíritas.

I - As idéias preconcebidas

Nós vos temos dito muitas vezes que examineis as comunicações que vos são dadas, submetendo-as à análise da razão, e que não tomeis sem exame as inspirações que vêm agitar o vosso espírito, sob a influência de causas por vezes muito difíceis de constatar pelos encarnados, submetidos a distrações sem número.

As ideias puras que, por assim dizer, flutuam no espaço (segundo a ideia platônica), levadas pelos Espíritos, nem sempre podem alojar-se sós e isoladas no cérebro dos vossos médiuns. Muitas vezes elas encontram o lugar ocupado por ideias preconcebidas que se escoam com o jacto de inspiração, que o perturbam e o transformam de maneira inconsciente, é certo, mas algumas vezes de maneira bastante profunda para que a ideia espiritual seja, assim, inteiramente desnaturada.

A inspiração encerra dois elementos: o pensamento e o calor fluídico destinado a aquecer o espírito do médium, dando-lhe o que chamais a verve da composição. Se a inspiração encontrar o lugar ocupado por uma ideia preconcebida, da qual o médium não pode ou não quer desligar-se, nosso pensamento fica sem intérprete, e o calor fluídico se gasta em aquecer um pensamento que não é o nosso. Quantas vezes, em vosso mundo egoísta e apaixonado, vimos trazer o calor e a ideia! Desdenhais a ideia, que vossa consciência deveria fazer-vos reconhecer, e vos apoderais do calor em proveito de vossas paixões terrestres, assim por vezes dilapidando o bem de Deus em proveito do mal. Assim, quantas contas terão que prestar um dia todos os advogados das causas perdidas!

Sem dúvida seria desejável que as boas inspirações pudessem dominar sempre as ideias preconcebidas, mas, então, nós entravariamos o livre-arbítrio da vontade do homem, e este último escaparia, assim, à responsabilidade que lhe pertence. Mas se somos apenas os conselheiros auxiliares da Humanidade, quantas vezes nos temos que felicitar, quando nossa ideia, batendo à porta de uma consciência

reta, triunfa da ideia preconcebida e modifica a convicção do inspirado! Contudo, não se deveria crer que nosso auxílio mal-empregado não traia um pouco o mau uso que dele podem fazer. A convicção sincera encontra acentos que, partidos do coração, chegam ao coração; a convicção simulada pode satisfazer as convicções apaixonadas, vibrando em uníssono com a primeira, mas carrega um frio particular, que deixa a consciência insatisfeita e denota uma origem duvidosa.

Quereis saber de onde vêm os dois elementos da inspiração medianímica? A resposta é fácil: a ideia vem do mundo extraterreno, é a inspiração própria do Espírito. Quanto ao calor fluídico da inspiração, nós o encontramos e o tomamos de vós mesmos; é a parte quintessenciada do fluido vital em emanação. Algumas vezes tomamo-la do próprio inspirado, quando este é dotado de um certo poder fluídico (ou medianímico, como dizeis); o mais das vezes nós o tomamos em seu ambiente, na emanação de benevolência de que ele está mais ou menos rodeado. É por isto que se pode dizer com razão que a simpatia torna eloquente.

Se refletirdes atentamente nestas causas, encontrareis a explicação de muitos fatos que a princípio causam admiração, mas dos quais cada um possui uma certa intuição. Só a ideia não bastaria ao homem, se não lhe dessem a força para exprimi-la. O calor é para a ideia o que o perispírito é para o Espírito, o que o vosso corpo é para a alma. Sem o corpo a alma seria impotente para agitar a matéria; sem o calor, a ideia seria impotente para comover os corações.

A conclusão desta comunicação é que jamais deveis abdicar de vossa razão, no exame das inspirações que vos são submetidas. Quanto mais ideias adquiridas tem o médium, mais é ele susceptível de ideias preconcebidas; também mais deve fazer tábula rasa de seus próprios pensamentos, depositar as influências que o agitam e dar à sua consciência a abnegação necessária a uma boa comunicação.

II - Deus não se vingará

O que precede é apenas um preâmbulo destinado a servir de introdução a outras ideias. Falei de ideias preconcebidas, mas há outras além das que vêm das inclinações do inspirado; há as que são consequência de uma instrução errônea, de uma interpretação acreditada num tempo mais ou menos longo, que tiveram sua razão de ser numa época em que a razão humana estava insuficientemente desenvolvida e que, passadas ao estado crônico, não podem ser modificadas senão

por heróicos esforços, sobretudo quando têm por si a autoridade do ensino religioso e de livros reservados. Uma destas ideias é esta: *Deus se vinga*. Que um homem, ferido em seu orgulho, em sua pessoa ou em seus interesses se vingue, isto se concebe. Essa vingança, embora culposa, está dentro dos limites das imperfeições humanas, mas um pai que se vingue em seus filhos levanta a indignação geral, porque cada um sente que um pai, com a tarefa de formar os seus filhos, pode redirecioná-los nos seus erros e corrigir seus defeitos por todos os meios ao seu alcance, mas que a vingança lhe é interdita, sob pena de tornar-se estranho a todos os direitos da paternidade.

Sob o nome de vindita pública, a Sociedade que está desaparecendo vingava-se dos culpados; a punição infligida, muitas vezes cruel, era a vingança que ela tomava do homem perverso. Ela não tinha a menor preocupação com a reabilitação desse homem e deixava a Deus o cuidado de puni-lo ou de perdoá-lo. Bastava-lhe ferir pelo terror, que julgava salutar, os futuros culpados. A Sociedade que vê não mais pensa assim; se ela ainda não age em vista da emenda do culpado, ao menos compreende o que a vingança encerra de odioso por si mesma; salvaguardar a Sociedade contra os ataques de um criminoso lhe basta, auxiliada pelo medo de um erro judiciário. Em breve a pena capital desaparecerá dos vossos códigos.

Se hoje a Sociedade se sente grande demais diante de um culpado, para se deixar ir à cólera e dele vingar-se, como quereis que Deus, participando de vossas fraquezas, se tome de um sentimento irascível e fira por vingança um pecador chamado ao arrependimento? Crer na cólera de Deus é um orgulho da Humanidade, que imagina ter um grande peso na balança divina. Se a planta do vosso jardim vem mal, se se desvia, ireis encolerizar-vos e vos vingar dela? Não; endireitá-la-eis, se puderdes, dar-lhe-eis um apoio, forçareis, por entaves, as suas más tendências, se necessário a transplantareis, mas não vos vingareis. Assim faz Deus.

Deus vingar-se, que blasfêmia! Que diminuição da grandeza divina! Que ignorância da distância infinita que separa a criação de sua criatura! Que esquecimento de sua bondade e de sua justiça!

Deus viria, numa existência em que não vos resta nenhuma lembrança de vossos erros passados, fazer-vos pagar caro pelas faltas que podeis ter cometido numa época apagada em vosso ser! Não, não! Deus não age assim. Ele entrava o

impulso de uma paixão funesta, corrige o orgulho inato por uma humildade forçada, endireita o egoísmo do passado pela urgência de uma necessidade presente que leva a desejar a existência de um sentimento que o homem não conheceu nem experimentou. Como pai, ele corrige, mas, também como pai, Deus não se vinga.

Guardai-vos dessas ideias preconcebidas de vingança celeste, restos dispersos de um erro antigo. Guardai-vos dessas tendências fatalistas, cuja porta está aberta para vossas doutrinas novas, e que vos conduziriam diretamente ao quietismo oriental. A parte de liberdade do homem já não é bastante grande para apequená-la ainda mais por crenças errôneas. Quanto mais sentirdes vossa liberdade, sem dúvida maior será a vossa responsabilidade, e tanto mais os esforços de vossa vontade vos conduzirão à frente, na via do progresso.

Pascal

O Movimento Espírita Brasileiro está ruindo

Olhe para os centros espíritas: a cada dia mais vazios. Eu mesmo poderia citar aqui, agora, ao menos uma dezena de centros espíritas que se encontram cada dia mais vazios, lutando para manterem suas portas abertas, e você com certeza conhece outros assim. Aqueles que se encontram mais cheios, na maioria, tendem ao misticismo, que agrada à curiosidade.

Cada vez que entra uma mãe que perdeu um filho, em busca de consolação, e recebe uma resposta errada, uma suposta psicografia genérica ou mesmo ouve o pensamento de que ele passou o que passou por estar resgatando dívidas passadas; cada vez que uma pessoa ouve que seus conflitos familiares devem ser suportados com resignação, pois se trata de um resgate coletivo; cada vez que uma pessoa ouve que, se não frequentar o centro, não vai melhorar; cada vez, enfim, que o MEB reforça ao público geral a erradíssima ideia de que as pessoas que morreram em um desastre foram “soldados nazistas na vida anterior, que

queimavam judeus”, o MEB perde, para o descrédito, pessoas que poderiam ser reconduzidas à fé e à esperança pela razão.

Não só: o MEB também perde ao tratar da caridade pelo viés puramente material. Entrega-se uma sacola de mantimentos, muitas vezes sob uma linda faixa onde lê-se “Distribuição dos Pobres”, ou algo assim, e diz-se “adeus, até o próximo mês”. Basta que essa pessoa encontre uma distribuição de alimentos mais próxima ao seu lar, e ela prontamente deixa de “visitar” o centro espírita. O espírita perde valiosas oportunidades de acolher uma pessoa e realmente consolá-la, *porque não sabe como fazê-lo*, pois não conhece, de fato, o Espiritismo.

De forma alguma acuso quem quer que seja por agir assim de caso pensado. Não. Na maioria das vezes, a ação é feita na mais boa-vontade, acreditando que se faz o bem. Contudo, se dos nossos antepassados poderíamos dizer que a ausência de conhecimento se deu por incapacidade, mesmo, de acesso ao conhecimento, hoje não mais podemos nos desculpar sobre isso, pois toda a obra de Kardec está a cerca de dois cliques de nosso alcance.

Kardec, na Revista Espírita de 1864, assim se expressa (grifos meus):

Não há centro espírita onde não haja encontrado um número mais ou menos grande desses pioneiros da obra, desses arroteadores do terreno, desses lutadores infatigáveis que, sustentados por uma fé sincera e esclarecida, pela consciência de cumprir um dever, não desanimam ante nenhuma dificuldade, considerando seu devotamento como uma dívida de reconhecimento pelos benefícios morais que receberam do Espiritismo. Não é justo que os nomes daqueles, dos quais a Doutrina se honra, estejam perdidos para nossos descendentes e que um dia se possa inscrevê-los no panteão espírita?

*Infelizmente, ao lado deles, às vezes, se encontram as crianças terríveis da causa, os impacientes que, **não calculando a importância de suas palavras e de seus atos, podem comprometê-la; aqueles que, por um zelo irrefletido, idéias intempestivas e prematuras, fornecem, sem o querer, armas aos nossos adversários.** Depois vêm aqueles que, não tomando do Espiritismo senão a superfície, sem dele serem tocados no coração, dão, **por seu próprio exemplo, uma falsa opinião de seus resultados e de suas tendências morais.***

Aí está, sem contradita, o maior escolho que encontram os sinceros

propagadores da Doutrina, porque, freqüentemente, vêem a obra que penosamente esboçaram, desfeita por aqueles mesmos que deveriam secundá-los. É um fato constatado que o Espiritismo é mais entravado por aqueles que o compreendem mal do que por aqueles que não o compreendem de todo, e mesmo por seus inimigos declarados; e há a anotar-se que aqueles que o compreendem mal, geralmente, têm a pretensão de compreendê-lo melhor do que os outros; não é raro ver noviços pretenderem, ao cabo de alguns meses, ser superiores àqueles que tiveram para eles a experiência adquirida por estudos sérios. Essa pretensão, que trai o orgulho, é ela mesma uma prova da ignorância dos verdadeiros princípios da Doutrina.

KARDEC, Allan. *O Espiritismo é uma Ciência Positiva*. Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos, Paris, v. 7, n. 11, nov. 1864. Disponível em: <https://kardecpedia.com.br/pt/roteiro-de-estudos/898/revista-espirita-jornal-de-estudos-psicologicos-1864/5679/novembro/o-espiritismo-e-uma-ciencia-positiva>. Acesso em: 28 abr. 2023.

Na Viagem Espírita de 1862, expressa o seguinte (grifos meus):

*É preciso que se saiba que o Espiritismo sério se faz patrono, com alegria e apressuramento, de toda obra realizada com critério, qualquer que seja o país de onde provém, mas que, igualmente, **repudia todas as publicações excêntricas. Todos os espíritas que, de coração, vigiam para que a doutrina não seja comprometida, devem, pois, sem hesitação, denunciá-las**, tanto mais porque, se algumas delas são produtos da boa-fé, outras constituem trabalho dos próprios inimigos do Espiritismo, que visam desacreditá-lo e poder motivar acusações contra ele. Eis porque, repito, é necessário que saibamos distinguir aquilo que é doutrina espírita aceita daquilo que ela repudia.*

KARDEC, Allan. *Viagem Espírita em 1862*. Tradução de Wallace Leal V. Rodrigues. 4. ed. São Paulo: EDICEL, 2010.

Tenhamos o cuidado, porém, de não gastar tempo em embates desnecessários e em nos prendermos ao ataque a certas figuras, o que seria um erro, pois não podemos julgar seus intuitos. Devemos, sim, agir quando oportuno. Esclarecer, sempre que pudermos, sobre uma ideia errada; alertar sobre um princípio que vá

contra a doutrina; mas, sobretudo, buscarmos nós mesmos o conhecimento fundamental, construído através dos anos, que nos permita fazer a nossa parte, da forma mais correta e completa possível, isto é, para que, lentamente, o erro nascido da opinião e da incompreensão ceda lugar àquilo que a Doutrina nos fornece. Se, nesse processo, encontrarmos os indivíduos ou os grupos que decididamente resistam ao conhecimento, deixemo-los à própria sorte, porque o tempo, o infalível tempo, se encarregará de esclarecê-los. Ideias erradas isoladas e definharão, quando a opinião da maioria estiver sustentada pelos fatos e pelo conhecimento.

“Não deem o que é sagrado aos cães, nem atirem suas pérolas aos porcos; caso contrário, estes as pisarão e, aqueles, voltando-se contra vocês, os despedaçarão”. O espírita **ativo**, ao não estudar, joga pérolas aos porcos.